

# O papel dos «ayatollahs»

O editor da UNIVERSAL, de O SÉCULO, legitimamente preocupado com a ilustração da crónica, quis saber que papel iria servir de tema a esta que agora se apresenta respeitosamente à reflexão dos leitores. Não hesitei em anunciar-lhe que iria procurar tornar conseqüente o espanto e a indignação que suscita o ódio do «ayatollah» ao livro do escritor e cidadão britânico Salman Rushdie, **Versículos Satânicos**.

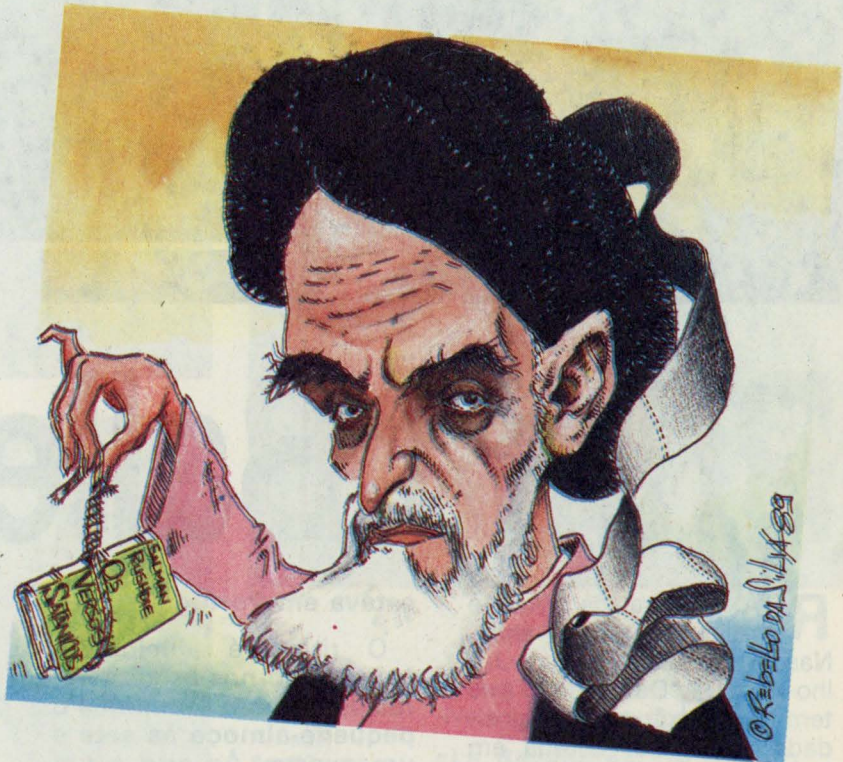
O Grande Inquisidor iraniano, de seu nome completo Ruhollah Mussari Khomeini, um dos protagonistas de uma guerra que já provocou milhares e milhares de mortos, condenou à morte o autor do romance e declarou na sua intransigência obscurantista: «Mesmo que Salman Rushdie se arrependa e se torne o homem mais pio de todos os tempos, todo e qualquer muçulmano deverá dar tudo o que tem, a sua vida e a sua riqueza, para o mandar para o inferno.»

A reacção do escritor, quando o *ayatollah* o intimou a pedir desculpas pela obra, não podia ter sido mais genial, coerente, pedagógico, e até, bem educada: «Lamento profundamente a consternação que o livro provocou em seguidores sinceros do Islão.»

Em conversa com um amigo sobre o tema genérico desta secção e falando da intenção de abordar o papel do livro de Rushdie, ele esclareceu-me, associando a ideia ao tema da crónica do passado domingo — acerca do papel higiênico — que até no uso funcional do próprio papel higiênico ele, o *ayatollah*, se preocupa em interferir, determinando que nenhum muçulmano que se preze deve limpar o cu com o dito orientado para Meca... «Mas que grande inquisidor!», pensei com os meus botões, não conheço os preceitos — melhor dizendo, os preconceitos — do Iman iraniano, sobre a forma do comportamento islâmico no WC, mas se corresponderem à informação do meu amigo, que me

garante tê-la lido num livro do *ayatollah*, estamos perante um censor implacável, radical e de pormenor. Pois se, para ele a

giões e os seus praticantes. Em que incluo, naturalmente, o Islão e os muçulmanos. Também não cabe aqui historiar nem referir as in-



própria higiene anal deve obedecer às orientações do Islão, quanto mais um livro!... Se há livros que, pelo seu papel social, cultural, estético, etc., têm merecido os mais diversos e valiosos prémios, os **Versículos Satânicos** puseram a prémio a cabeça de Salman Rushdie. É contradição suprema e louca! — mesmo que o escritor, na óptica religiosa, se arrependa e «se torne o homem mais pio de todos os tempos», o Iman quer que o «mandem para o inferno». Extrapolado, legitimamente: para um espírito saudável como mostrou ser o do escritor «blafesmatório», a confirmação da pena capital assim determinada por Khomeini é um convite à coerência de Rushdie.

Não é em cinquenta linhas dactilografadas que poderei preambular sequer o profundo respeito que me merecem as reli-

quições que, no passado, e até recentemente, vitimaram o progresso da Humanidade. Diga-se, de passagem, que até já os muçulmanos sofreram a intolerância por parte de outras religiões dominantes.

No limiar do século XXI, em que os Direitos do Homem, a liberdade de pensamento, o progresso cultural e científico se definem como axioma estruturante da Humanidade; numa altura em que a ciência social e histórica prova inequivocamente que as censuras e condenações inquisitoriais travaram o progresso e não conseguiram — como nunca conseguirão — servir de dique contentor da marcha da Humanidade, a atitude do *ayatollah* Khomeini é...

por Eduardo Areias  
O SÉCULO

ARTIGO DE FUNDO